

ISSN: 2526-3870

DOI. 10.5281/zenodo.14055930

ARTIGO ORIGINAL

Recebido em: 28/05/2024

Aceito para publicação em: 23/09/2024

A MEDICALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

MEDICALIZATION IN HIGHER EDUCATION

MEDICALIZACIÓN EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Afonso Henrique de Queiroz Dias¹Geovana Vitória Sgarioni Pinto²Pauline Barbosa Matos Dias³Alessandra de Arriba Rosseto⁴

Resumo: As demandas e pressões impostas às pessoas no âmbito profissional e/ou acadêmico vêm se intensificando, de forma que representam eventos estressantes que podem favorecer o surgimento de diversos transtornos psicológicos. Por esse motivo, o uso indiscriminado de medicamentos é crescente devido à crença de que os medicamentos seriam uma das formas rápidas de aliviar o sofrimento gerado pelos estressores do cotidiano. Entre os universitários há aumento no consumo de substâncias psicoativas, gerando preocupação com o abuso de medicamentos prescritos e principalmente a automedicação. Portanto, o objetivo do artigo foi compreender a questão da medicalização no ensino superior, por meio de pesquisa bibliográfica de artigos que tratavam desse tema. Ainda há poucas publicações sobre esse assunto no Brasil, e as pesquisas encontradas demonstram a necessidade de falar sobre a temática abordada.

Palavras-chave: medicalização; educação; psicologia; ensino superior.

Abstract: *The demands and pressures imposed on people in the professional and/or academic sphere have been intensifying, representing stressful events that can favor the emergence of various psychological disorders. For this reason, the indiscriminate*

¹Graduando em Psicologia Faculdades de Dracena UNIFADRA-FUNDEC

²Graduando em Psicologia Faculdades de Dracena UNIFADRA-FUNDEC;

³Graduando em Medicina Faculdades de Dracena UNIFADRA-FUNDEC;

⁴Docente orientador do Departamento de Psicologia Faculdades de Dracena, UNIFADRA - FUNDEC.

use of medications is increasing due to the belief that medications would be a quick way to alleviate the suffering generated by everyday stressors. Among university students, there is an increase in the consumption of psychoactive substances, generating concern about the abuse of prescribed medications and especially self-medication. Therefore, the objective of the article was to understand the issue of medicalization in higher education, through bibliographic research of articles that addressed this topic. There are still few publications on this subject in Brazil, and the research found demonstrates the need to talk about the topic addressed.

Keywords: *medicalization; education; psychology; higher education.*

RESUMEN: *Las exigencias y presiones impuestas a las personas en el ámbito profesional y/o académico se han ido intensificando, representando eventos estresantes que pueden favorecer el surgimiento de diversos trastornos psicológicos. Por esta razón, el uso indiscriminado de medicamentos está aumentando debido a la creencia de que los medicamentos serían una de las formas rápidas de aliviar el sufrimiento generado por los estresores cotidianos. Entre los estudiantes universitarios se observa un aumento en el consumo de sustancias psicoactivas, generando preocupación por el abuso de medicamentos recetados y especialmente la automedicación. Por tanto, el objetivo del artículo fue comprender la cuestión de la medicalización en la educación superior, a través de la investigación bibliográfica de artículos que abordaron este tema. Todavía hay pocas publicaciones sobre este tema en Brasil y las investigaciones encontradas demuestran la necesidad de hablar sobre el tema abordado.*

Palabras clave: *medicalización; educación; psicología; educación superior.*

1 INTRODUÇÃO

Compreende-se que a medicalização é o processo em que condições e comportamentos do cotidiano passam a ser tratados como problemas médicos, frequentemente resultando em diagnósticos e tratamentos farmacológicos. No ensino superior, esse fenômeno se manifesta no uso crescente de psicofármacos por estudantes, especialmente em cursos exigentes como medicina. A pressão acadêmica, a ansiedade sobre o futuro profissional e a dificuldade em equilibrar estudos e vida pessoal levam muitos a recorrer a medicamentos como ansiolíticos, antidepressivos e estimulantes, frequentemente sem prescrição médica, o que suscita preocupações sobre os impactos dessa prática na saúde mental e no desempenho acadêmico.

No entendimento de Collares e Moysés (1994, p. 25, grifo do autor), o “[...] termo medicalização refere-se ao processo de transformar questões não médicas, eminentemente de origem social e política, em questões médicas, isto é, tentar encontrar no campo médico as causas e soluções para problemas dessa natureza.”. Importante que medicalização é diferente de medicação (Eidt, Tuleski e Franco, 2014), sendo que medicar é o ato de tratar uma doença orgânica e medicalizar se refere a ressaltar atribuição de um caráter patológico a situações socioculturais (Rodrigues, Silva, 2021).

Historicamente Luengo (2010), afirma que o processo de medicalização associado à educação disseminou no final do século XIX, quando a medicina adotou a intervenção medicamentosa para mudar hábitos das crianças. Collares e Moysés afirmam em obra mais recente que:

Nas sociedades ocidentais, é crescente a translocação para o campo médico de problemas inerentes à vida, com a transformação de questões coletivas, de ordem social e política, em questões individuais, biológicas. Tratar questões sociais como se biológicas iguala o mundo da vida ao mundo da natureza. Isentam-se de responsabilidades todas as instâncias de poder, em cujas entranhas são gerados e perpetuados tais problemas. (Collares e Moysés 2013, p.42).

Com o processo de industrialização e os ideais do capitalismo neoliberal houve a amplificação nos meios de produção e modo de produtividade imposto pela sociedade, além dos novos métodos de referência de produtividade (Corbanezi, 2018; Ribeiro, 2019). O desempenho passou a ser a medida do sucesso ou fracasso e os indivíduos são classificados como “vencedores” e “perdedores”. Os elevados padrões e exigências profissionais, a dedicação excessiva ao trabalho com abandono da vida pessoal e social e o fracasso em cumprir as metas organizacionais, são fatores importantes para os problemas emocionais e transtornos psíquicos, como a ansiedade, depressão e transtorno do pânico (Ribeiro, 2019).

Na esfera da nosologia psiquiátrica, a atribuição da condição de doenças aos problemas cotidianos caracteriza a patologização. A falta ou disfunção na

capacidade de desempenho representa um critério para verificar a existência de transtornos mentais como a depressão, cujo sintomas são: a fadiga, a lentidão psicomotora, a dificuldade comunicacional, a ausência de energia e de motivação, de prazer, de expectativa e de projetos futuros, etc. (Corbanezi, 2018).

Nessa perspectiva, compreendemos que a saúde e o adoecimento psicológico são um processo complexo e multifatorial, incluindo aspectos biológicos, subjetivos, políticos e sociais. Na sociedade atual, os vários problemas da vida cotidiana estão circunscritos à condição biológica, o que favorece a cultura da medicalização.

Um estudo de 2018 examinou prontuários de crianças e adolescentes em uma clínica do serviço escola de Psicologia em São Paulo por quatro anos. Apenas dois prontuários, de 2011 e 2014, mostraram o uso de Metilfenidato (Ritalina) para o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O estudo destacou a crença das famílias nos benefícios dos medicamentos, ignorando os riscos à saúde, e a busca por uma cura medicamentosa para transtornos, apesar dos efeitos colaterais potenciais. Questionou a baixa taxa de diagnósticos, considerando a alta demanda de metilfenidato hoje em dia (Benedetti *et al.*, 2018).

Conforme Lopes, Paixão e Santos (2022) no contexto acadêmico, pesquisas apontam que o uso progressivo de medicação atinge o público universitário, devido às várias pressões vivenciadas pelos estudantes na vida acadêmica, pessoal, profissional e familiar. O uso indiscriminado de medicamentos para os distúrbios de aprendizagem e o debate sobre medicalização no ensino torna-se cada vez mais patente. Medicamentos que prometem soluções rápidas para os desafios e problemas enfrentados pelos universitários levam ao aumento abusivo do consumo. Por tanto, torna-se necessário mais discussões a respeito do assunto no contexto acadêmico.

2 OBJETIVOS

Este trabalho objetiva compreender a problemática medicalização na educação, especificamente, abordar a medicalização no ensino superior.

3 METODOLOGIA

Como método utilizou-se a pesquisa bibliográfica teórica, buscando artigos que constavam na base de dados das plataformas BVS-Psi e Scielo e utilizou-se como descritores – medicalização, educação, universitários, patologias e psicotrópicos. Os critérios de inclusão se baseou em data de publicação, dando preferência a artigos publicados em até 6 anos do ano atual. De 28 materiais utilizados para a realização do trabalho, apenas 7 são de anos anteriores à 2018.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na área da educação, vários estudos apontam para o fenômeno da medicalização no processo ensino aprendizagem (Signor; Berberian; Santana, 2016). Os estudantes são submetidos a diferentes desafios e pressões acadêmicas, sabe-se que o meio acadêmico tende a se tornar um ambiente que demanda níveis de dedicação e cada estudante lida e manipula a carga de estresse e cobrança de maneiras diferentes. A constante pressão em relação aos estudos, carreira e vida social, faz com que o esgotamento mental e físico seja frequente, desencadeando a busca por melhora do rendimento acadêmico e concentração por meio do consumo de drogas estimulantes como cafeína ou até medicamentos tarjados como o metilfenidato (Laet *et al.*, 2022).

O consumo inadequado de psicotrópicos por universitários é bastante prevalente na sociedade atual, principalmente por estudantes de Medicina e outras áreas da saúde, como Psicologia, Fisioterapia, Nutrição, entre outras (Tovani, Santi e Trindade, 2021). Apesar de as drogas serem consumidas pela população de forma geral, constata-se um maior uso de psicotrópicos entre os universitários, por serem majoritariamente jovens, apresentam o seguinte perfil: fase de exploração da identidade, especialmente nos relacionamentos amorosos e no trabalho; transição entre adolescência e vida adulta; instabilidade emocional e do *status* educacional; afastamento dos valores familiares; inserção em uma época de possibilidades e oportunidade para transformação da própria (Tovani, Santi e Trindade, 2021).

No ensino superior, os estudantes vêm sendo cobrados de diversas maneiras: responsabilidade, comprometimento, dedicação, entre outros determinantes que contribuem para sua eficiência tanto no comportamento quanto ao aprendizado (Rodrigues, Silva, 2021). Entretanto, com as demandas requeridas, por parte da vida acadêmica e pessoal, contribuem para o aparecimento transtornos mentais, como exemplo, depressão, ansiedade e fobias (Goldstein, Mosqueira, Demouliere 2022). Entre a multifatorialidade de variáveis que influenciam o consumo exacerbado de drogas, encontram-se as comorbidades psiquiátricas, como a depressão e ansiedade, muito comuns nos cursos da área da saúde (Tovani, Santi e Trindade, 2021).

O metilfenidato é o psicoestimulante mais consumido em todo o mundo, superando o consumo de todos os outros psicoestimulantes. As substâncias psicoestimulantes são drogas que têm sua ação no Sistema Nervoso Central, aumentam o estado de alerta e a motivação, altera a consciência, a cognição, o comportamento e o humor do indivíduo, tem propriedades antidepressivas, melhora o humor e desempenho cognitivo (Guilherme e Godinho, 2022).

O metilfenidato é um fármaco utilizado para estimular o sistema nervoso central por meio da potente inibição da recaptação de dopamina e noradrenalina na fenda sináptica, aumentando seus níveis extracelulares. Sendo assim, o medicamento proporciona elevado nível de alerta e incremento dos mecanismos excitatórios do cérebro, o que resulta em uma melhor concentração, coordenação motora e controle dos impulsos (Rocha *et al.*, 2020).

Atualmente, no Brasil há uma taxa de consumo de metilfenidato elevada em relação à sua população total. Durante aproximadamente uma década, o Brasil ocupou o segundo lugar no ranking global de consumo de metilfenidato, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (Trigueiro e Leme, 2020). Na América do Sul, o Brasil lidera o consumo de anfetaminas, principalmente entre pessoas com TDAH (diagnóstico confirmados corretamente ou não) e entre estudantes saudáveis que buscam melhorar seu foco e desempenho acadêmico. Isso faz com que essas substâncias sejam consideradas drogas de abuso (Nasario; Matos, 2022).

Além do metilfenidato, há outros estimulantes que são usados no ambiente acadêmico com o objetivo de aumentar o estado de alerta e a motivação. Entre esses, podemos mencionar a cafeína, que é comumente consumida através de bebidas; a cocaína, que tem efeitos estimulantes no Sistema Nervoso Central semelhantes às anfetaminas e pode manter uma pessoa acordada por longos períodos; e o tabaco, encontrado em cigarros (Laet *et al.*, 2022). No Brasil as substâncias psicoativas de maior consumo em vida são: álcool (74,6%), tabaco (44,0%), maconha (8,8%), solventes (6,1%), benzodiazepínicos (5,6%), orexígenos (4,1%) e estimulantes (3,2%) (Tovani, Santi e Trindade, 2021).

Os estudos de Laet *et al.* (2022), relevam que entre os estudantes universitários, não há um acordo claro sobre a frequência do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A atual geração de estudantes, em busca de aumentar sua autoconfiança e disposição para atender às demandas acadêmicas, está constantemente buscando maneiras e recursos para alcançar esse objetivo, e isso inclui o uso do metilfenidato, que se tornou popular, apesar de sua venda sem prescrição médica é ilegal.

Apesar de ser um medicamento de controle especial conforme determinado pela Portaria 344/984, sua aquisição para fins não terapêuticos geralmente é feita pela oferta de um amigo, ou ainda de forma ilegal pela venda de receitas em branco com carimbos por médicos conhecidos dos usuários, além disso, os próprios acadêmicos diagnosticados com TDAH fazem a venda/repasse do medicamento (Oliveira *et al.*, 2021).

Por consequência, o uso inadequado do metilfenidato já é um grande problema de saúde pública. O Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), relatou que somente em 2012, esse medicamento foi responsável por 27,27% dos casos de intoxicação no Brasil. Segundo dados da ONU de 2015, a importação sofreu um aumento de 300% de 2012 para 2013, informação que considerou o Brasil o segundo maior consumidor de Ritalina® no mundo, perdendo apenas para os EUA (Carneiro, Gomes, Borges, 2021).

No entanto, apesar dos graves riscos para a saúde, os indivíduos não hesitam em buscar maneiras mais simples e econômicas de melhorar seu intelecto, e estão dispostos a pagar qualquer custo por isso. Isso leva a assumir cada vez mais riscos, colocando em perigo tanto sua saúde física quanto mental e trazendo suas perspectivas de sucesso diante das possíveis consequências psicossociais do uso da droga (Lopes, Paixão E Santos, 2022).

Pesquisas de Araújo, Barboza e Guedes (2022), indicam um aumento significativo nos níveis de depressão, ansiedade e estresse, especialmente entre os estudantes matriculados em cursos da área de saúde, que está intimamente relacionada a uma maior vulnerabilidade psicológica, uma vez que esses estudantes lidam diretamente com situações traumáticas, como o contato com pacientes gravemente doentes e em estágio terminal. Além disso, o estresse proveniente das demandas acadêmicas e sociais desempenha um papel significativo no desenvolvimento de sintomas depressivos. De acordo com estudos, os cursos de medicina são particularmente afetados, registrando o maior número de casos de doenças psicológicas relevantes.

O consumo entre os universitários mostra-se de maior prevalência no sexo masculino, estudantes que moram sozinhos ou longe da família, e aos estudantes do último ano. Essa alta prevalência de uso leva a altos custos sociais e interfere no próprio desempenho estudantil no decorrer da sua graduação (Nassar, Pires e Silva, 2020).

Segundo o Ministério da Educação, o Brasil conta com mais de 7,5 milhões de estudantes universitários, distribuídos em, aproximadamente, 2.400 instituições. Em uma pesquisa realizada por Fernandes *et al.* (2017), nas 27 capitais brasileiras, 49% dos 12.711 universitários participantes já haviam experimentado alguma droga ilícita pelo menos uma vez na vida. Além disso, 22,8% (quase 12 milhões de pessoas) de toda a população brasileira, dos 12 aos 65 anos, já fez uso de substâncias psicoativas – desconsiderando-se álcool e tabaco –, com a frequência de uso maior entre a população universitária quando comparada à população geral. Outro estudo realizado no Estado de São Paulo observou que a frequência de uso

de substâncias lícitas e ilícitas pela classe universitária no Brasil é maior do que pela população geral brasileira entre 18 e 24 anos. A prevalência do uso de álcool, por exemplo, foi de 78,6% na população geral contra 89,3% entre universitários (Morgan *et al.*, 2017).

O uso abusivo de psicotrópicos teve um aumento considerável após o ano de 2020 onde teve início a pandemia causada pelo Corona vírus, uma pesquisa realizada por Kantorski *et al.* (2022), mostrou que de 464 universitários entrevistados, 173 alunos, ou seja, 37% fazem uso de psicotrópicos, sendo que 82,5% já utilizavam antes da pandemia e 17,5% iniciaram seu uso após a pandemia. Apesar disso, foi possível observar que uma quantidade significativa destes participantes que não utilizavam medicação apresentava sintomas de ansiedade, podendo indicar que estes indivíduos realizavam outras formas de tratamento ou a falta de tratamento.

O estudo de Tovani, Santi e Trindade (2021), utilizou métodos quantitativos e qualitativos em duas etapas para investigar o uso de psicotrópicos entre estudantes de cursos de saúde em uma universidade privada de Brasília. Eles observaram que os psicotrópicos mais consumidos pelos estudantes eram álcool, tabaco, maconha, tranquilizantes e ansiolíticos, com a Psicologia liderando o consumo geral de drogas, seguido por Nutrição e Medicina. Os grupos focais destacaram que o uso de drogas estava relacionado a buscar prazer, aliviar o sofrimento e melhorar o desempenho acadêmico. Surpreendentemente, o curso de Medicina, apesar da pressão acadêmica, não teve o maior uso de drogas, mas os estudantes relataram maior consumo de álcool, talvez ao ambiente estressante.

Já o estudo realizado por De Luna *et al.* (2018), em Presidente Prudente - SP investigou o uso de psicofármacos entre 200 estudantes de medicina, divididos igualmente entre o primeiro e o sexto ano. A pesquisa coletou dados por meio de um questionário, examinando informações socioeconômicas e detalhes sobre a aquisição e uso de medicamentos. Os resultados revelaram que 23% dos alunos do primeiro ano e 50% dos alunos do sexto ano afirmaram o uso de psicofármacos. Os psicoestimulantes foram os mais usados, seguidos pelos antidepressivos. A maioria

dos estudantes obteve receitas médicas para esses medicamentos (65%), 22% com amigos ou familiares e 13% conseguiu de forma ilegal, sendo o curso de medicina o fator mais relatado para o uso. A pesquisa também mostrou que a maioria dos alunos estava ciente dos riscos associados ao uso desses medicamentos.

Essa realidade motiva a busca por informações, afinal, a preocupação está relacionada à opinião e aos hábitos de consumo de drogas entre os estudantes, que incluem o uso excessivo. Portanto, é importante incluir mais informações sobre drogas na educação dos futuros profissionais de saúde. Em vez de apenas uma abordagem médica e terapêutica, deve-se adotar uma perspectiva mais ampla que abrange aspectos farmacológicos, psicológicos, humanísticos e sociais. Isso é útil para formar profissionais de saúde que estão mais bem preparados para compreender as especificidades do uso de drogas e agir de maneira a evitar, diagnóstico e tratamento, levando em consideração todos esses aspectos (Lucas *et al.*, 2006).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos referenciais, é evidente o uso generalizado de psicotrópicos, incluindo o metilfenidato, entre estudantes universitários, especialmente em cursos de saúde. A pressão acadêmica e a busca por melhorias no desempenho acadêmico são fatores importantes para esse consumo. O metilfenidato é destacado como um dos estimulantes mais consumidos no mundo, impulsionando a busca por aumento de alerta e concentração. A busca por melhorias no desempenho acadêmico e a necessidade de lidar com o estresse e a cobrança frequente no ambiente acadêmico são fatores que impulsionam esse consumo.

A conquista de um diploma acadêmico tem sido cada vez mais almejada, considerando que uma formação – em qualquer curso – requer muita dedicação e empenho. Levando em conta a rotina de um estudante, existe uma grande vulnerabilidade para o início de uso de psicoativos. Os limites do corpo se tornam uma barreira, um desafio diante da vida acadêmica e qualquer solução seja ela lícita, ilícita, saudável ou tóxica, está em alternativa. Não podemos desconsiderar

que umas das motivações para o uso de estimulantes entre universitários são a busca de diversão e prazer, o que torna altamente preocupante o uso de estimulantes lícitos que acabam formando dependentes não somente na fase acadêmica, mas por toda a vida.

Por outro lado, os estudantes consentem que a ingestão de qualquer substância psicoativa ou psicoestimulante, venha colaborar, de certo modo, no processo de aprendizagem, fazendo com que os mantenham despertados do sono, por um longo período de tempo, para então, conseguirem melhor rendimento nos estudos, atingindo um resultado satisfatório em suas notas.

Outra vertente que podemos considerar é a cultura local, sendo que foi esclarecido que em algumas regiões o uso abusivo de psicotrópicos ocorre mais em um curso do que em outro, apesar de serem sempre mais prevalentes nos cursos da área da saúde, possivelmente pelo fácil acesso que possuem aos medicamentos.

Em resumo, a pressão acadêmica e a busca por melhorias no desempenho acadêmico levam ao uso generalizado de psicotrópicos entre estudantes universitários, com implicações para a saúde pública e o bem-estar dos estudantes. É essencial abordar esses problemas de forma adequada e promover estratégias saudáveis para lidar com o estresse acadêmico, encontrar outras saídas que não sejam prejudiciais à saúde e que possam trazer qualidade de vida aos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, MI de A.; BARBOZA, AC de S.; GUEDES, JP de M. Uso de ansiolíticos e antidepressivos por estudantes universitários da área da saúde: uma revisão de literatura. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 15, pág. e296111537379, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i15.37379. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/37379>. Acesso em: 7 out. 2023.

BENEDETTI, Mariana Dias et al. Medicalização e educação: análise de processos de atendimento em queixa escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 1, p. 73-81, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. CARNEIRO, N.B.R.; GOMES, D.A.S.; BORGES, L.L. Perfil de uso de metilfenidato e correlatos entre estudantes de Medicina. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5419/3738>. Acesso em: 04 jan. 2023.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico: a patologização da educação. **Série ideias**, v. 23, p. 25-31, 1994.

CORBANEZI, Elton. Transtornos depressivos e capitalismo contemporâneo. **Caderno CrH**, v. 31, p. 335-353, 2018.

DA CRUZ LAET, Bianca Caldeira Pereira et al. Uso de metilfenidato por estudantes universitários: Uma revisão de literatura. **Revista Científica FACS**, v. 22, n. 2, p. 30-39, 2022. Disponível em: <https://periodicos.univale.br/index.php/revcientfacs/article/view/332/283>. Acesso em: 7 out. 2023.

DE LUNA, Ilanna Sobral et al. Consumo de psicofármacos entre alunos de medicina do primeiro e sexto ano de uma universidade do estado de São Paulo. In: **Colloquium Vitae**. ISSN: 1984-6436. 2018. p. 22-28. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/cv/article/view/2167> Acesso em: 07 out. 2023

DE OLIVEIRA, Luís Gustavo Menegardo Siqueira et al. Uso de metilfenidato entre adolescentes e jovens adultos: uma revisão de literatura Methylphenidate usage among adolescents and young adults: a literature revision. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 28137-28147, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/41539>. Acesso em: 07 de out. 2023.

DOS SANTOS, Déborah; LOPES, Jussiara de Souza Araújo; DA PAIXÃO, Juliana Azevedo. O USO ABUSIVO DO METILFENIDATO: UMA CORRIDA ILEGAL PELA INTELIGÊNCIA ENTRE OS UNIVERSITÁRIOS DO BRASIL. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 6, p. 1847-1860, 2022.

EIDT, Nadia Mara; TULESKI, Silvana Calvo; DE FÁTIMA FRANCO, Adriana. Atenção não nasce pronta: o desenvolvimento da atenção voluntária como

alternativa à medicalização. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 25, n. 1, p. 78-96, 2014.

FERNANDES, T, et al. Uso de substâncias psicoativas entre universitários brasileiros: perfil epidemiológico, contextos de uso e limitações metodológicas dos estudos. **Cadernos Saúde Coletiva**. vol.25 no.4 Rio de Janeiro Out./Dez. 2017.

GOLDSTEIN, T; MOSQUEIRA, S; DEMOULIERE, I. Vida universitária e saúde mental. v. 11, n. 3, 13 dez. 2022.

GUILHERME, Ingrid Benício; GODINHO, Monica Oliveira Dominici. Medicalização com enfoque no uso indiscriminado de metilfenidato: Uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14, p. e203111436098-e203111436098, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/36098/30277>. Acesso em: 01 out. 2023.

KANTORSKI, L. P.; et. al. Psicotrópicos: uso por estudantes universitários antes e durante a pandemia de doença por coronavírus 2019 / Psychotropics: use by college students before and during the coronavirus disease 2019 pandemic. **Journal of Nursing and Health**, v. 12, n. 3, 26 out. 2022.

LUCAS, A. C. S. et al. **Use of psychoactive drugs by health sciences**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/nF6Zcjr8rmzrVz8dxnW8Lpb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2023.

LUENGO, Fabiola Colombani. **A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MORGAN, Henri Luiz et al. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. **Revista brasileira de educação Médica**, v. 41, p. 102-109, 2017.

MOYSÉS, Maria Aparecida A.; COLLARES, Cecília AL. Medicalização: o obscurantismo reinventado. **Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos**, v. 1, p. 41-64, 2013.

NASARIO, B.R.; MATOS, M.P.P. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de Medicina. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, v.

42, p. 01-13, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/tyxSMDVHkzbbLwB97m6f7zK/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 07 de out. 2023.

NASSAR, Y. L.; PIRES, A. M. DA S.; SILVA, I. M. CASTRO E. Uso de psicotrópicos entre os estudantes de medicina: um olhar na educação médica / Use of psychotropics among medical students: A look at the medical education. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 14, n. 49, p. 671–676, 28 fev. 2020.

ONU - Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 05 de out. 2023.

RIBEIRO, Lucas Mathias et al. O sofrimento nos períodos da grande indústria e do pós grande indústria. **ÂNDÉ: Ciências e Humanidades**, v. 3, n. 1, p. 96 a 105-96 a 105, 2019.

ROCHA, Daniel Benedito et al. Metilfenidato: uso prescrito versus uso indiscriminado por acadêmicos de medicina. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 30, n. 1, 2020.

RODRIGUES, Thais de Sousa; SILVA, Silvia Maria Cintra da. Medicalização, dislexia e tda/h no ensino superior: contribuições da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, v. 26, p. e46549, 2021.

SIGNOR, Rita de Cassia Fernandes; BERBERIAN, Ana Paula; SANTANA, Ana Paula. A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz. **Educação e Pesquisa**, v. 43, n. 3, p. 743-763, 2016.

TOVANI, João Borges Esteves; SANTI, Luísa Jobim; TRINDADE, Eliana Villar. Use of psychotropic drugs by students from the health area: a comparative and qualitative analysis. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, p. e175, 2021.

TRIGUEIRO, Emilia Suitberta de Oliveira; LEME, Maria Isabel da Silva. ESTUDANTES E O DOPING INTELECTUAL: VALE TUDO NA BUSCA DO SUCESSO NO VESTIBULAR? **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p. e219948, 2020.